

# *O tempo e o invisível: da cidade moderna à cidade contemporânea<sup>1</sup>*



LIDIA DECANDIA

## *Resumo*

Partindo de uma única certeza, de que não existe uma ordem a ser alcançada no fim da história, este artigo se propõe a discutir a necessidade de construção de linguagens e categorias mais fortemente conectadas à necessidade de repensar a cidade, pautadas por novos princípios, capazes de conduzir a uma nova lógica projetual. A reapropriação das dimensões do tempo e do espaço, a possibilidade de fazer comunicar pensamentos hoje dispersos, de redescobrir o potencial cognitivo das linguagens poéticas e metafóricas e a aproximação do ser das coisas emergem como um conjunto de dimensões a serem consideradas de modo a conduzir a um

conhecimento sobre a cidade capaz de romper com os dualismos e cristalizações do pensamento sobre o urbano.

*Palavras-chave:* tempo e espaço; cidade moderna; cidade contemporânea; complexidade; lógica projetual.

## *Abstract*

Starting from a single certainty, that there is no order to be reached at the end of the history, this article intends to discuss the need to construct languages and categories more strongly connected with the need of rethinking the city, based on new principles which are capable of leading to a new project logic. The re-appropriation of the time and space dimensions, the possibility of communicating thoughts that today are dispersed, of rediscovering the cognitive potential of poetic and metaphorical languages and approaching the being of the things emerge as a set of dimensions to be considered in order to

---

1. Título original: "Il tempo e l'invisibile; dalla città moderna alla città contemporanea". In: SCANDURRA, E., CELLAMARE, C. e BOTTARO, P. *Labirinti della città contemporanea*. Milão, Meltemmi, 2001. Traduzido por Maria Margarida Cavalcanti Limena (margalimena@pucsp.br).

conduct to a knowledge about the city that is capable of breaking the dualisms and crystallizations of the urban thought.

*Key-words:* time and space; modern city; contemporary city; complexity; project logic.

### *Sonhos, figuras e linguagens da modernidade*

Achava-me, então, na Alemanha, para onde fora atraído pela ocorrência das guerras, que ainda não findaram e, quando retornava da coroação do imperador para o exército, o início do inverno me deteve num quartel, onde, não encontrando nenhuma conversação que me distraísse, e não tendo, além disso, por felicidade, quaisquer solicitações ou paixões que me perturbassem, permanecia o dia inteiro fechado sozinho num quarto bem aquecido onde dispunha de todo o vagar para me entreter com os meus pensamentos. Entre eles, um dos primeiros foi que me lembrei de considerar que, amiúde, não há tanta perfeição nas obras compostas de várias peças, e feitas pelas mãos de diversos mestres, como naquelas em que um só trabalhou. Assim, vê-se que os edifícios empreendidos e concluídos por um só arquiteto costumam ser mais belos e melhor ordenados do que aqueles que muitos procuraram reformar, fazendo uso de velhas paredes construídas para outros fins. Assim, essas antigas cidades que, tendo sido no início pequenos burgos, tornaram-se no correr do tempo grandes centros, são ordinariamente tão mal proporcionadas em comparação com essas praças regulares, construídas por um engenheiro segundo um plano por ele imaginado, que, embora seus edifícios, considerados em separado,

sejam talvez mais belos; todavia, vendo como se acham dispostos, aqui um grande, lá um pequeno, e como tornam as ruas curvas e desiguais, dir-se-ia que foi mais o acaso e não a vontade da razão de alguns homens que assim os dispôs.<sup>2</sup>

### Dominar e manipular o tempo

Nesta imagem de Descartes expressam-se dois grandes sonhos da modernidade, fortemente interconectados; sonhos que, em sua simples e cativante não contraditoriedade, condicionaram profundamente o modo de pensar, imaginar, gerir e construir a cidade. O primeiro sonho é representado pela imagem de que possa existir uma idéia de cidade perfeita, uma ordem única, inteligível e abstrata, entendida como estado de equilíbrio perfeito, uma espécie de nirvana a atingir no fim da história. O segundo nos é dado pela afirmação da idéia onipotente, de acordo com a qual pode-se controlar e manipular o tempo através de um ato de prefiguração sincrônico, sob a direção de um único olhar, que impõe uma ordem capaz de refrear e cristalizar a vida. Esses sonhos da modernidade nascem de um único pressuposto: a idéia de que o tempo possa ser pensado separadamente da matéria, como uma dimensão externa do devir dos fenômenos: uma questão de distâncias planas e homogêneas sem história, na qual o passado e o futuro podem ser

2. DESCARTES, R. (1978), *Discurso sul metodo. Meditazioni metafisiche*. Tomo I, Roma-Bari, Laterza.

comprimidos em um eterno presente. E em que – pois cada estado pode ser completamente determinado a partir do precedente – não apenas não existe o futuro, entendido como tempo da criação, do acontecimento, da emergência da novidade, mas torna possível prefigurar, controlar por meio de um plano, uma estratégia, um projeto inteiramente pensado – possivelmente por uma única mente, sob a direção de um único olhar –, a ordem que a própria cidade poderá assumir no futuro.

Essa idéia de refundação e reordenamento, mas também de manipulação e controle, percorre intimamente a inteira concepção de cidade moderna. Das utopias de Owen e Fourier ao pensamento de Le Corbusier,<sup>3</sup> a nova ordem social é construída, justamente, abolindo o tempo, reconstruindo uma cidade nova, ordenada, na qual não apenas o sujo pode ser separado do limpo, mas na qual tudo pode ser predefinido e, portanto, controlado. Por meio da potência de um olhar silencioso, as coisas e os homens isolados e circunscritos – como diria Foucault – de qualquer poder de contágio podem ser ordenados, classificados, reagrupados segundo identidades e diferenças, distribuídos em espaços fechados, atribuindo-se a cada um sua própria parte e regulando a comunicação entre eles. Nessa modalidade de pensar e construir a realidade que encerra uma “or-

dem que não existe senão através da grade de um olhar, de uma atenção e de uma linguagem”,<sup>4</sup> a cidade é descomplexificada, tornada transparente e legível como uma espécie de máquina banal na qual cada coisa pode e deve encontrar seu espaço. Da complexidade do todo desincorporam-se, isolam-se as diversas funções, tipificando-se; a cada uma delas compete um lugar diversificado: o mercado, a estação, o teatro, o cárcere, o hospital, o bairro residencial, a zona industrial; o espaço público rigidamente separado do privado. Na utopia de Fourier, finalmente, as diversas paixões, classificadas e compartimentadas, podem encontrar o espaço para exprimir-se sem atrapalhar e comprometer a ordem do todo.

A utopia de um mundo perfeito consola e guia cada imaginação: se ela não tem um lugar real, desabrocha, contudo, num espaço maravilhoso e liso; abre cidades de vastas avenidas, jardins bem plantados, regiões fáceis, ainda que não acessíveis. Do alto de uma torre e fechado em sua sala, o planejador “só”, separado das vozes e corpos, abstraído de rugosidade do real, das histórias e do tempo, utilizando os poderes de discernimento da razão e jogando na mesa de desenho, pode dedicar-se à construção de um modelo de organização espacial na qual todo o imaginável pode ser pensado.

3. Ver, a respeito, CHOAY, F. (1965), *Urbanisme, utopies et réalités*. Paris, Éditions du Seuil.

4. FOUCAULT, M., (1994), *Eterotopia. Luoghi e non luoghi metropolitani*. Milano, Mimesis, p.10.

### A linguagem da ordem e da classificação

Se o urbanista não pode “zerar” todas as histórias e desimpedir o terreno das ruínas para construir inteiramente a cidade nova, ele pode operar no sentido de reconduzir o aparente caos da realidade em direção à inteligibilidade de uma ordem aparente para, em seu interior, resituar de forma equilibrada e harmônica a complexidade, em sua multiplicidade e rapidez, por meio de uma busca dirigida a eliminar tudo aquilo que não diz respeito ao já conhecido, a eliminar os “ruídos” e turbulências que ameaçam a ordem constituída, destinada a reencontrar e classificar as regularidades, identidades e constantes que possam garantir a reproposição de uma lei situada para além do tempo. A ele é conferida a tarefa de construir um reticulado por meio do qual as coisas são nominadas e classificadas segundo uma ordenação, uma partição que é confiada ao relevo visível das formas conhecidas, com seus elementos, modo de dispersão e medidas; mas, exatamente porque exclui aquilo que não pode ser visto, é confiada à potência da evidência das coisas que oculta o sentido obscuro e profundo do devir da vida, as articulações invisíveis, os rumores, o gosto, o olfato e o tato. Disso resulta sua aparente simplicidade e, no entanto, “aquele procedimento que, de longe, parece ingênuo tanto quanto é simples e imposto à evidência das coisas”,<sup>5</sup> trabalha no

5. FOUCAULT, M., (1966), *Les mots e les choses*.

sentido de excluir tudo aquilo que, com sua infinitude e variabilidade, não permite uma análise desdobrada em elementos distintos que seja universalmente aceita.

É por isso, então, que a cidade surge por seus volumes, superfície e linhas e não por meio de funcionamentos ou invisibilidades tecidas. Assim como nas classificações zoológicas e botânicas

(...) as plantas e animais resultam visíveis menos por sua unidade orgânica que pela delimitação possível de seus órgãos,

transformando-se em “patas e unhas, flores e frutos, antes de serem respiração e líquidos internos”,<sup>6</sup> a linguagem dos urbanistas, ao tomar de empréstimo as mesmas fórmulas classificatórias adotadas na botânica e na zoologia, transforma a cidade num cadáver, subtraindo da vista a anatomia e o funcionamento, para fazer emergir, diante dos olhos, apenas aquilo que, na riqueza da representação, pode ser visto, analisado e reconhecido por todos e, desse modo, receber um nome que cada um pode compreender. Assim, a cidade é reduzida a morfologias, quantidades, grandezas, disposições e articulações de formas, uma em relação às outras.

Como Descartes fechado em seu gabinete, contentando-se em ver sem

Paris, Gallimard, p. 147 (edição brasileira: *As palavras e as coisas*, publicada em 1986 pela Editora Martins Fontes, São Paulo).

6. Ibid., p. 150.

ser perturbado pelas paixões e pelos corpos, mas com um olhar de águia voltado a dominar o mundo, o planejador observa a cidade do alto, tomando exclusivamente suas formas. E, do mesmo modo que aquele que, do avião, observa a espuma do mar e a enxerga como imóvel, sem compreender que, de perto, ela é pulsão e movimento, ele não se dá conta de que, por detrás do silêncio das formas, explode o fervilhar da vida.<sup>7</sup>

Listas de nomes, classificações, indicadores, modelos: encontrar um compartimento para cada coisa. Reduzir a cidade e o território para submetê-los a rigorosas autópsias, separar, dividir, reduzir a complexidade dos fenômenos – por meio de procedimentos de simplificação e decomposição – a domínios simples, separados, unidades elementares, no intuito de fixar comportamentos esquemáticos, de dominar e manipular o tempo, de colocar ordem, este é o sonho da Modernidade. Através da reconstrução de uma verdadeira e própria “tábua de operações que permite ao pensamento operar ordenamento sobre os seres, uma partição em classes,”<sup>8</sup> que estabelece prioridades, encerra-se, na realidade, no “não-lugar” do discurso, no mesmo espaço em branco entre as coisas ou na voz que nomeia o poder invisível que, no fazer aparecerem as coisas, faz com que elas possam ser assim.

7. MERLEAU-PONTY, M. (1994), *Le visible et l'invisible*. Paris, Gallimard.

8. FOUCAULT, M. (1994), op. cit., p. 7.

### *Imagens da contemporaneidade*

Esse castelo de ordem, essa construção-sonho da Modernidade parecem, hoje, estar rompidos. Exatamente no momento em que a própria planificação construiu seus melhores instrumentos de classificação e domínio, a cidade, como um animal informe, parece subtrair-se a qualquer possibilidade de denominação. Não obstante os planos e, talvez, graças a eles, a desejada ordem da modernidade não apenas foi alcançada, mas nos aparece sempre mais distante. Nunca, como hoje, a cidade apareceu caótica, fragmentada, difícil de compreender em suas complexas articulações: como o conjunto de trechos de filme em movimento, parece nos contar histórias múltiplas e variegadas; mostra-nos antagonismos e conflitos, ordenações multiformes, que parecem não poder ser inseridas nas nítidas classificações às quais a modernidade nos habituou.

Cada vez que tentamos definir e nomear a cidade, ela nos aparece sempre numa outra parte. Todos os instrumentos tradicionais e habituais de representação não conseguem mais exaurir sua complexa articulação. A nossa cultura, permeada pelo pensamento prospectivo, não consegue mais tomar o sentido dessa nova geografia absurda e inatingível, dessa insignificância desmembrada e despida de centralidade de visão, que parece expressar, na materialidade de seus espaços, o fazer de uma contemporaneidade que, à ordem, à hierarquia da regularidade, unidade e coerência,

contrapõe porções de ordem minimalistas, subjetividades diversas e contraditórias, espaços emaranhados, plenos de interstícios e zonas de sombra, áreas densas em tensões e conflitos;<sup>9</sup> zonas nas quais outras modalidades de fazer território e sociedade, de construir comunidades, identidades e lugares ainda não visíveis e expressos – mas já em curso nos usos e produzidos nos eventos –, parecem prenunciar um tempo que virá, um “ainda não” que, talvez, será.

Esse “desfazer-se de antigas formas”, se nos deixa, de um lado, atônitos – não mais nos permitindo representar a cidade com uma forma unitária e coerente, construir compartimentos nos quais alocar fragmentos dissecados da realidade –, de outro, incita-nos a abandonar velhas ordens destruídas e a olhar “com novos olhos o novo”; incita-nos a descer da torre da qual pretendíamos dominar a cidade e deixar o confortável gabinete no qual vivemos isolados, “não perturbados pelos cuidados e paixões”,<sup>10</sup> para estimular-nos a retomar a viagem nos territórios do presente; obriga-nos a abandonar nossas concepções interpretativas abstratas, as técnicas de sobrevôo da visão, para recomeçar a encontrar a capacidade de imergir em seu corpo pulsante e vital, em sua carne; obriga-nos a abandonar o medo de nos “sujarmos” e voltar a usar os pés para

andar em direção às coisas, abertos ao regime do estupor e da maravilha existente na busca de um sentido que não possuímos, prontos a ouvir os sinais intermitentes daqueles indícios que preparam a abertura de novas possibilidades.

Nesse magma, nessa nebulosa que tenta tomar forma, que, do alto, parece estar à deriva, numa ordem sem estrutura, talvez se anuncie um tempo inédito, uma cidade nova em preparação. Longe da harmonia dos planos, das atmosferas harmoniosas mas destruídas das cidades antigas, começam a emergir, de forma fervilhante, sinais de uma criatividade dispersa, difusa, molecular, que sabe opor-se, por meio de um fazer, às lógicas tecnicistas da ordem estabelecida.

Enquanto a cidade antiga parece explodir em um dédalo urbano labiríntico, que escapa a qualquer tentativa de leitura esquemática e unívoca, afirmam-se novos modos de fazer sociabilidades, configurando-se formas inéditas de espacialidade.

A coexistência no mesmo espaço geográfico de indivíduos e grupos provenientes de âmbitos culturais diversificados faz emergirem formas de conflito e dissonância entre diversos códigos e, ao mesmo tempo, faz nascerem formas inéditas de sensibilidade cosmopolita, novas caracterizações expressivas, polifônicas e sincréticas.<sup>11</sup> Nessa

9. PABA, G. (1999), “Cortei neri e colorati: itinerari e problemi delle cittadinanze emergenti.” *Urbanistica*, Roma, n. 111.

10. DESCARTES, R., op. cit., p. 10.

11. Contra o lamento e o pessimismo presentes em muitas das críticas antropológicas, é possível ver, no encontro entre as diversas culturas, em

contínua mistura de indivíduos e grupos, no aflorar de novas práticas de uso do espaço, nascidas fora das instituições, afirmam-se formas de apropriação inéditas e novas centralidades.<sup>12</sup> Numa proliferante ilegitimidade estabelecem-se novos lugares de encontro, densos de significações simbólicas que, muitas vezes, não encontram expres-

---

várias partes do mundo, uma ocasião para a invenção, construção e difusão vital e criativa de novas formas de sincretismo polifônico. Como já acontece no campo literário e musical, no qual o jogo intrincado de diversas culturas está produzindo novas linguagens e novas modalidades de expressão criativa, também das novas formas de apropriação do uso do território, no encontro entre diversas culturas, pode resultar um meio para experimentar a criação de novas linguagens e formas expressiva. “Palermo não seja, talvez, a expressão de uma contínua história de sincretismos e misturas ocorridas historicamente. E talvez não seja verdade que os negros na América, privados de seus instrumentos musicais, tomaram trombas e trombones, fazendo-os soar como não haviam feito ainda e como não era possível imaginar que pudessem ser usados e o resultado não foi, talvez, o jazz?”. Conforme ACHEBE, M., citado em DAL LAGO, L. e MARTELLO, P., “Linguaggi letterari delle terre di mezzo”. *Pluriverso*, ano I, n. 4., p. 33. Sobre o significado e o valor criativo das formas de contaminação cultural na vida da cidade contemporânea, ver CANEVACCI, M. (1996), *Sincretismi*. Gênova, Costa & Nolan; id. (1997), *La città polifonica*. Roma, SEAM-TCC (edição brasileira: *A cidade polifônica*. São Paulo, Studio Nobel, 1993).

12. Várias são as análises e pesquisas em curso, desenvolvidas em várias direções, que estão buscando, para além do juízo genérico das uniformidades e da pobreza formal, indagar acerca das qualidades das novas conformações apropriativas e ler com mais atenção aquilo que é rejeitado e as atribuições de sentido que caracterizam a apropriação e o uso dos espaços contemporâneos.

são na materialidade física do espaço, formando-se na invisibilidade das práticas, nos tempos do evento e na espera. Esse processo de reatribuição de sentido, que se expressa no uso ampliado do território, não mais circunscrito no interior de uma dimensão geometricamente terrena, conforme aponta Massimo Cacciari,<sup>13</sup> faz emergir um novo espaço múltiplo e dilatado, no qual os homens, não mais distribuídos em espaços fechados –, mas, sim, abertos, indefinidos, comunicantes –, podem construir percursos nômades, para além dos imperceptíveis velhos muros, no “dédalo urbano que continua a projetar-se”.<sup>14</sup>

Nessa nova forma de articulação e apropriação do espaço, ambientes naturais e artificiais se justapõem, dando forma a uma espécie de ambiente contínuo; novas polaridades simbólicas e novos pontos de referência afirmam-se em uma nova escala de dimensões e relações; inéditas tramas de sentido – a compreender e explorar – tecem-se entre a multiplicidade dos diversos lugares significativos.

O espaço assume conotações muito mais articuladas e complexas, irreduzíveis a uma simples “homogeneização”, determinadas pela mistura de diversas temporalidades, pela integração entre a permanência e a errância.

---

13. CACCIARI, M. (1990), *Ethos e Metropoli. Micromega*, Veneza, n. 1.

14. VILLANI, T. (1994), “Atena Cyborg i luoghi, non luoghi del neutro”. In: FOUCAULT, M., *Eterotopia. Luoghi e non luoghi metropolitani*, op. cit., p. 14.

Ele nos aparece sempre mais mesclado que puro, não tanto plano e homogêneo quanto cambiante, arlequinado, zebrado, em redes múltiplas e conectadas, fortemente modelado pela instabilidade, ao invés da imobilidade e uniformidade.<sup>15</sup> O espaço geométrico euclidiano das linhas, pontos e superfícies é substancialmente colocado em discussão: as relações entre os diversos pontos do espaço, não mais confiadas a alguns canais privilegiados, rearticulam-se segundo uma extrema variedade de modos possíveis, através de correlações recíprocas não simétricas. Nem a metáfora da rede basta mais para representar esse espaço revoltado, no qual a troca de fluxos energéticos

(...) anima e institui novas espacialidades, “viventes” dinâmicos e mutáveis, distantes de qualquer homogeneidade e “desenhabilidades” estáticas.<sup>16</sup>

Esse “estriamento intensivo” do espaço, conforme diriam Deleuze e Guattari, parece fazer reemergir um espaço contínuo, uma realidade complexa, polimorfa e mutável, com uma topologia extraordinariamente sutil, que não se fundamenta em pontos ou

15. Conforme SERRES, M. (1993), *Les origines de la géométrie*. Paris, Flammarion, p. 270 e TOSI, L. (1999), Una problematica urbana. *Urbanistica*, Roma, n. 111.

16. MARZOCCA, O. (1989), *Filosofia dell' incommensurabile. Temi e metafore oltre-euclidee in Bachelard, Serres, Foucault, Deleuze, Virilio*. Milano, Franco Angeli, p. 46.

objetos, mas na “*ecceitas*”, no conjunto de relações.<sup>17</sup>

Não vivemos no interior de um vazio que se coloriria de reflexos cambiantes; vivemos no interior de um conjunto de relações que definem colocações irreduzíveis umas às outras e que não são absolutamente superpostas.<sup>18</sup>

Estamos diante de um espaço que se reconfigura continuamente: nunca fixado, determinado de maneira rígida... objeto de contínuas manipulações, usado de modo flexível, para responder a sucessivas estratificações de exigências. Usado como um material plástico, trabalhado com o calor, que se retorce, alonga, se apresenta em formas sempre transmutantes.<sup>19</sup>

Um espaço, portanto, não extensivo, mas enrugado, feito de dobras, de lacerações, de conflitos:

(...) um espaço tátil, muito mais que visível; um espaço ocupado por eventos ou “*ecceitas*”; espaço de afetos, mais que de propriedades<sup>20</sup>

no qual tempos e espaços se condicionam reciprocamente; uma multiplicidade em desordem, na qual os fios aparecem substantivamente emaranhados,

17. DELEUZE, G. e GUATTARI, F. (1987), *Mille piani, capitalismo e schizofrenia*. Roma, Treccani.

18. FOUCAULT, M., op. cit., p. 14.

19. VARICCHIO, C. (1990), “Lo spazio anarchico”. In: ILARDI, M., *La città senza luoghi. Individuo, conflitto e consumo nella metropoli*. Gênova, Costa & Nolan, p. 45.

20. DELEUZE, G. e GUATTARI, F., op. cit., p. 450.



que se liberta das velhas formas de representação de domínio e das representações do mundo baseadas na idéia de absoluto e independência entre espaço e tempo.

### *Repensar a cidade*

Viver na cidade é, talvez, como viver num sonho. Não há nada que não seja permitido. Mas, como no sonho, uma tal experiência, se não é elaborada, é esmagadora. Por elaboração compreende-se um constante trabalho psicológico – o que não quer dizer encontrar uma filiação completa, encontrar uma via de controle e nem a integração das partes. O trabalho psicológico diz respeito a levar em consideração tudo aquilo que é, sem julgamentos: sentir a importância de cada parte, entender que o conjunto não pode ser compreendido; sentir cada experiência como história que cria alma; permitir aquilo que opera mudanças, em vez de decidir, baseado em uma mentalidade planificadora, quais mudanças devem acontecer.

É necessário desconfiar daqueles que são movidos pelas melhores intenções de mudar o mundo.<sup>21</sup>

Essa multiplicidade vivente que mostra uma forte irreducibilidade a qualquer anseio de harmonia e pacificação e que continua a oferecer espaços de liberdade, linhas de fuga para o nosso pensamento e nossa imaginação,

não necessita ser normalizada, regularizada, destruída, tornada coerente, unificável e previsível, em nome de uma razão asséptica e de um desenho totalizante imposto do exterior, mas necessita ser ouvida e compreendida. Nessa multiplicidade reside, de fato, a mesma alma trágica da cidade que, exatamente, por aquele seu ser sempre no limiar de uma figura nova, de uma configuração ainda invisível que está por vir, sem que seja imposta pela lei de um outro, aparece para nós como indizível, inacessível e transcendente. Nesta sua irreducibilidade a cidade nos oferece um antídoto para o pensamento da modernidade; obriga-nos a sair do monismo da nossa consciência dominadora, a romper com as concepções abstratas sobre como ela deveria ser; convida-nos a realizar sobre ela a experiência direta, quase carnal, a aprender a não eliminar, mas a aceitar a vitalidade da desordem que se insinua numa nova ordem, produzindo desarmonia, diferenças, tensões desconfortáveis; estimula-nos a não reduzir a instável irreducibilidade dos contrastes à ordem, a reconciliar-nos com a não pacificação e sobretudo a transformar em beleza o drama da contradição. Obriga-nos a assumir, em sua qualidade mais radical, a tragicidade do desvio (perda), o sentimento da angústia, o que evitaria procurar fugas de consolo num passado mítico, enfim, perdido para sempre, para caminhar sob o véu do cotidiano e descobrir outros percursos; ensina-nos a parar de ter medo dos conflitos para aprender a reevocá-los, a configurar o disforme,

21. SARDELLO, R. (1989), *Luoghi dell'anima*. Milão, *Anima*, n. 2; e BLUMEMBERG, H. (1999), *La legibilità del mondo*. Bolonha, Il Mulino.

dar cor ao incolor, a transformar o silêncio ameaçador em ritmo e melodia, a dor em grito, a nostalgia em canção.

Esse modo distinto de pensar a cidade não implica uma aceitação passiva da realidade, mas, antes de tudo, um contato mais íntimo com ela. Não é do alto de uma torre que transformamos a cidade, mas é partindo do real, reconhecendo-o e aceitando-o como ponto de partida, tornando-nos co-partícipes desse real, tomando o entrecruzamento que nos liga a sua carne; voltando nossa atenção à multiplicidade das recusas, diferenças e intensidades, às mínimas aparições, aos eventos, é que podemos aprender a adquirir o cuidado com respeito. É somente após ter olhado a realidade de frente, sem ilusões, que pode-se tomá-la e procurar transformá-la no sentido do possível.

Talvez, então, apenas trabalhando internamente, em silêncio, molecularmente por passagens e consolidações, iniciando por procurar em torno de nós os traços de qualquer coisa transformadora, as forças, as intensidades que necessitam ser capturadas, organizadas, transformadas e elaboradas numa nova matéria de expressão, transformando em energia criativa as recusas da contradição e do conflito, é que podemos começar a lançar as sementes, construir os embriões da mudança, em condição de germinar, difundir-se e desenvolver-se não por um ato imperioso, mas graças a sua própria capacidade de propagação e enraizamento.

Além disso,

(...) não é, talvez, uma característica das criações, aquela de operar em silêncio, localmente, de procurar em toda parte uma consolidação, de ir da molécula a um cosmo incerto, especialmente quando os processos de destruição e conservação trabalham crescentemente, dominam a cena, ocupam o cosmo para servir o molecular, colocá-lo num conservatório ou numa bomba?<sup>22</sup>

Tudo isso nos obriga a repensar-nos no tempo e a nos colocarmos fora dele, a repensar a própria idéia e a lógica do nosso fazer projetual; induz-nos a aproximar e entrar em relação e contato com as coisas para compreendê-las, fazê-las como elas são, articulá-las, em vez de dominá-las, leva-nos a repensar as linguagens frias, generalizantes e fragmentadas que temos utilizado para descrever e refletir a realidade.

Reapropriar-se das dimensões do tempo: repensar a lógica do fazer projetual

Aprender a repensar o tempo significa renunciar a prefigurar inteiramente a imagem do futuro da cidade para retornar a compreendê-lo como uma emergência, um cenário aberto, um jogo em grande parte imprevisível, cujo resultado não pode manifestar-se por imposição de uma solução ou desenho imposto do exterior; só pode se confi-

22. DELEUZE, G. e GUATTARI, F., op. cit., p. 505.

gurar de modo construtivo, por meio dos infinitos nexos, secretas conexões que poderão estabelecer-se no tempo entre todos os “jogadores”, que poderão e saberão participar dessa obra de construção. À luz dessa idéia de temporalidade devemos rever a própria idéia da planificação e de como conceber a projetualidade.

A imagem de um projeto inteiramente pensado, na base de uma inspiração de uma mente ou órgão separado e imposto pelo alto, deve ser substituída pela idéia de um fazer-planificar entendida como vida que se desenvolve, ação coletiva que se autoconstrói de forma interativa. Neste sentido, devemos pensar num modo de operar articulado e complexo, que não se configura mais como um ato isolado ou como simples previsão individual, prerrogativa exclusiva de um *planner* ou de um projetista, mas como um procedimento de construção, que se torna arte do devir, experiência relacional de construção em desenvolvimento, no qual múltiplos autores são instados a trabalhar para dar forma à obra.

Tomando uma metáfora geddesiana, podemos comparar esse operar articulado e complexo a uma espécie de “jogo criativo”,<sup>23</sup> do qual participam diversas estruturas e múltiplos sujeitos, em que o

23. A imagem do jogo é utilizada por Geddes como metáfora explicativa da produção do plano, no qual o resultado depende das decisões de todos os participantes. No jogo, a verdadeira unidade do vivente se manifesta; não aquela holística de um suposto organismo urbano, mas aquela interdependência entre os diversos sujeitos. Através do jogo do plano, cada cidadão-jogador

resultado, que é fruto da cooperação entre muitos atores, é sempre imprevisível e pode realizar-se e manifestar-se apenas no tempo [e] a solução coletivamente satisfatória não pode ser alcançada com uma simples aplicação de autoridade, ainda que previsível.<sup>24</sup>

Um processo, portanto, resultante de uma multiplicidade de atos, narrativas, práticas e cenários, construído mediante a articulação das relações que progressivamente acolhem as potencialidades dinâmicas e criativas daqueles que participam de sua construção. Uma construção lenta mas contínua, na qual aquilo que conta não é mais o centro de controle cartesiano, mas as infinitas relações, as maneiras pelas quais as coisas influenciam umas às outras, seus contrastes e uniões,

(...) o modo pelo qual se apagam e se diluem, promovem-se ou se retardam, excitam-se e se inibem num processo de troca.<sup>25</sup>

Uma espécie de “coro polifônico”, de

(...) dança lenta, próxima a uma coreografia, na qual vozes e gestos se

é convidado a reconhecer essa interdependência e a levar em conta as ações dos demais, em sua estratégia. Por isso o jogo é um instrumento do conhecimento da realidade, mas, sobretudo, para a apreensão dos comportamentos novos que pretendam reformular os problemas. Conforme FERRARO, G. (1998), “Il gioco del piano. Patrick Geddes in India, 1914-1924”. *Urbanistica*, n° 103, p. 136.

24. FERRARO, G., op. cit., p. 137.

25. DEWEY, J. (1951), *L'arte come esperienza*. Firenze, La Nuova Italia.

entendem pouco a pouco, respondem com infinitas precauções, na qual cantores e dançarinos descobrem, progressivamente, os tempos secretos que os harmonizarão; em que cada qual aprende com os outros a entrar numa sincronia tranqüila, lenta e complicada.<sup>26</sup>

Parece evidente, então, que, em vez de posar como demiurgos ou profetas, *experts* e sábios em condição de “interpretar e governar” a mudança e de planificar o acontecimento – no qual nenhuma meta ou tarefa é dada – e, a partir do momento que não podemos mais discernir, temos que nos lançar ao trabalho para construir contextos nos quais as mudanças possam acontecer; colocar de pé “dispositivos” abertos em condição de atrair, condensar, expandir e desenvolver, numa situação de implicação, os aportes criativos de todos os participantes da construção desta obra, como operadores catalisadores, capazes de coenvolver as diversas subjetividades, de fazer com que os observadores externos abandonem sua posição contemplativa para transformar-se em autores co-partícipes do mesmo destino; começar a tecer tramas não imutáveis, mas abertas, inconclusas, que cada um pode completar, transformar em tecido, traduzindo-as na própria medida, enriquecendo-as de significado; inserir no circuito comunicativo embriões virtuais,

26. LÉVY, P. (1994), *L'intelligence collective*. Paris, Éditions La Découverte (também em edição brasileira), p. 32.

configurações dinâmicas, “textos fluidos”, para que se possa continuar o trabalho, acrescentando e inventando; trabalhar a fundo para que idéias e pensamentos esparsos possam expressar-se; estimular a criatividade, individual e coletiva; desfrutar das oportunidades, lançar sementes de mudança. Tudo isto pensando na possibilidade de que algo de novo, inesperado, possa ser realçado, sustentados por uma única certeza: aquela de que não existe uma ordem a ser alcançada no fim da história: conscientes de que nenhuma cidade jamais aceitará ser cristalizada numa forma e que, portanto, nenhum equilíbrio alcançado poderá constituir um fundamento estável, algo imutável, mas que deverá ser considerado unicamente como um benefício, provisório e temporal, porém, limitado. Confiantes de que, quando é necessário mudar de rota, será necessário fazê-lo de modo aberto aos perigos, mas, também, às descobertas e surpresas que cada viagem em direção ao novo poderá revelar. Convictos de que, frequentemente, dos equilíbrios consolidados é que podem emergir as novidades e que, a despeito da manutenção artificial de qualquer coisa que se completa, é sempre uma ordem inesperada que pode valer algo.

*Aproximar-se do ser das coisas e abrir mundos possíveis: em direção a novas linguagens de revelação*

O papel atribuído ao conhecimento é inteiramente alterado no interior dessa idéia do fazer projetual: na medida

em que não existe uma ordem a desvelar, uma realidade em separado à qual pode-se ter acesso e fornecer uma representação correta, e sendo impossível deduzir ou controlar as mudanças por meio de leis e prescrições, o conhecimento não se arroga mais a tarefa de descrever os fenômenos com o escopo de individualizá-los, para legitimar cientificamente as modalidades de intervenção no futuro, os aspectos invariantes e ligados à necessidade. O escopo do conhecimento não é mais aquele de “conhecer para dominar”, mas aquele de observar e conferir sentido à perene transformação. Como sugere Waldrop,

(...) seu papel é o de auxiliar-nos a observar o rio em contínua mudança e compreender aquilo que estamos vendo.<sup>27</sup>

Não é na previsão que se coloca sua essência, mas na arte de pensar e construir no tempo; na capacidade de compreender e assumir a mudança como fenômeno construtivo e criativo, como momento produtor de novidades reais. Essa forma de conhecimento não pode ser alcançada do alto de uma torre, mas é construída no tempo, por meio da exploração e pelo diálogo com um mundo aberto ao qual pertencemos, construção da qual participamos.<sup>28</sup>

27. WALDROP, M. (1995), *Complessità. Uomini e idee al confine tra l'ordine e caos*. Turim, Instar Libri, p. 538.

28. PRIGOGINE, I. e STENGERS, I. (1981), *La nuova alleanza. Metamorfosi della scienza*. Turim, Einaudi, p. 271 (também em edição brasileira).

Se antes o conhecimento servia ao especialista para que ele pudesse descobrir os funcionamentos simples das coisas e produzir regras a serem impostas aos outros para determinar o futuro, agora não serve mais para isso, nem para fornecer “receitas”, confeccionar objetos, mas para desenvolver a intuição, estimular a amar, despertar e gerar criatividade, induzir a agir e fazer.

Tudo isto requer uma mudança radical das linguagens e técnicas que até hoje serviram para pensar e descrever a cidade. Uma vez que não existe o ser-em-si das coisas e do mundo, mas apenas aquilo que resulta do nosso encontro com este, e exatamente porque é apenas interrogando o mundo, atribuindo-lhe sentido que a realidade se constitui, “transformando-se em palavra”, é necessário restituir espaço e dignidade aos métodos de conhecimento e às linguagens que – longe de querer mostrar a realidade tal qual ela é, transformando o mundo num complexo redutível a objetos disponíveis, manipuláveis – abrem e revelam novas dimensões dessa realidade.<sup>29</sup>

Não existe, de fato, um repositório de significados dados, estabelecidos de uma vez por todas, nem uma verdade oculta, entendida como

(...) um invisível que, talvez, um dia, possamos enxergar, ou que outros, em

29. Conforme a discussão desenvolvida em RICOEUR, P. (1997), *La metafora viva. Dalla retorica alla poetica: per un linguaggio di rivelazione*. Milão, Jaca Book.

melhor posição que a nossa, poderiam ver a partir de agora.<sup>30</sup>

A realidade não se oferece como um objeto oculto por detrás de outro, ou como um livro, contendo significados já estabelecidos,<sup>31</sup> mas se revela apenas no sentido que é atribuído por nós, por meio da experiência.

Do mesmo modo, não existe uma idéia de cidade pensada de forma definitiva. Os desvios que experimentamos hoje em relação às experiências na cidade nos dizem que não apenas a realidade se distancia das categorias usuais por meio das quais nos habituamos a pensá-la, como nem mesmo as palavras que conhecemos podem dar voz às mudanças que nela ocorrem: os conceitos que temos à disposição aparecem desgastados e inadequados para expressar as transformações em curso. Todavia, não podemos arriscar que a idéia de cidade que até aqui vem permeando nossas culturas e endereçando nosso conhecimento possa estar além da possibilidade de compreender e evocar os novos desenvolvimentos e as rápidas transformações que incidem sobre o fenômeno urbano, conforme aponta Colli.<sup>32</sup> Para isso não basta mais a observação; não podemos nos contentar em ver apenas aquilo que pode ser visto, mas devemos começar a mergulhar na realidade e, em vez de dominá-

la e voltar a uma possibilidade preliminar para pensá-la – o que importaria antecipadamente as condições de controle sobre a mesma –, devemos começar a interrogá-la:

(...) entrar na floresta de referências que nossa interrogação faz surgir sobre ela, para dizer aquilo que, em seu silêncio, tem significado. Fazer aparecer, portanto, o invisível, o “não expresso latente”; não o invisível oculto na realidade, aquilo que não tem a ver com o visível, mas o invisível que habita na cidade, que a sustenta e que a faz ser, tornando-a possível.<sup>33</sup>

Merleau-Ponty nos diz que é necessário explicitar esse “contato” com o interior da cidade, dela falando não segundo a lei dos significados das palavras inerentes à linguagem dada, mas graças a um esforço que possa restituir o poder de significar, que encontre palavras novas, capazes de expressar o ainda não dito e que só pode vir à luz por meio desse contato. Se

(...) compreender é traduzir em significados disponíveis um sentido antes prisioneiro da vida e da linguagem, aproximar-se da compreensão da cidade contemporânea pode significar, então, libertar-se dos velhos esquemas e linguagens para conseguir interpellá-la, interrogá-la, “defini-la novamente”, despindo a linguagem de sua função de descrição para liberar sua função de descoberta, revelação e expressão: o ser

30. Cf. MERLEAU-PONTY, M., op. cit., p. 165.

31. Cf. BLUMENBERG, H., op. cit., p. 199.

32. COLLI, M. (1996), *Tipicità ambientale e continuità urbana*. Firenze, Alinea.

33. MERLEAU-PONTY, M., op. cit., p. 168.

efetivo, ... a própria coisa... oferecem-se somente àquele que quer não apenas tê-las numa pinça.<sup>34</sup>

É por isso que devemos redescobrir o potencial cognitivo das linguagens poéticas, metafóricas, relegadas pela predominância do saber científico ao âmbito do não-racional, indistinto, individual, não-objetivo. Finalmente, não atribuindo importância à distinção entre o interior e o exterior, mas, sobretudo, assumindo a consciência de que nenhuma construção científica pode ser um reflexo da realidade, mas sim uma representação, um modelo.<sup>35</sup> Esse caráter construtivo, revelador e criativo das outras linguagens pode constituir um instrumento capaz de desvelar novas possibilidades, abrindo percursos inéditos para o conhecimento.

Essas linguagens podem nos auxiliar a descobrir dimensões que havíamos esquecido e a colher os germes de algo novo que começa a existir, exatamente porque elas não aspiram reproduzir fielmente uma realidade existente, reduzindo o mundo a um complexo de objetos disponíveis e manipuláveis, mas, abrindo-se à lógica dos múltiplos sentidos, dirigem-se à construção de algo novo.

Precisamente porque essas linguagens não reduzem a realidade a fórmulas descritivas – enrijecendo-a em princípios e regras, impedindo o ser

pelo dever ser, eliminando o contingente e o particular, extirpando o tempo e a capacidade de mutação do indefinido – é que as categorias que têm servido para pensá-la são rejeitadas. Ao redescrivê-la podemos redescobrir dimensões inéditas, abrindo os horizontes do possível, o que nos convida a “pensar mais” e a dizer “de outro modo”.<sup>36</sup> Mostrar a legitimidade de tais linguagens pode significar não apenas descobrir o seu poder de revelação e conhecimento, mas também abrir outros caminhos distintos daquele da dominação. Renunciando ao conhecimento que aponta o controle, podemos, em muitos casos, substituir o tipo pelo nome, a regularidade pela exceção, o geral pelo particular, o único pelo irrepitível, descobrindo, para além da riqueza de significados escondida e esquecida, um novo modo mais amigável e confiante de colocarmo-nos diante da natureza e do mundo.<sup>37</sup>

Recebido em 4/2/2003

Aprovado em 13/2/2003

36. Conforme RICOEUR, P., op. cit., p. XXV.

37. GARGANI, A. (1999), “Introdução”. In: BLUMEMBERG, H., op. cit., p. XIX.

34. Ibid., p. 122.

35. JEDLOWSKI, P. (2000), *Storie comuni*. Milão, Bruno Mondadori, p. 81.

**Lidia Decandia**, pesquisadora da Faculdade de Arquitetura e Engenharia da Universidade de Roma La Sapienza e do CIES. [www.uniroma1.it](http://www.uniroma1.it)